

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 51-58, jan./dez. 2007

ESTÁGIO E PESQUISA. OU SOBRE COMO OLHAR A PRÁTICA E TRANSFORMÁ-LA EM MOTE DE PESQUISA.

Marlete dos Anjos Silva Schaffrath¹

RESUMO: O objetivo deste texto é apresentar elementos para uma discussão inicial sobre a importância do estágio articulado à pesquisa sobre o cotidiano dos trabalhos pedagógicos desenvolvidos em ambiente escolar pelos estagiários dos cursos de licenciaturas. Trabalhando com a hipótese de que este viés da formação docente tem sido pouco explorado pelos cursos de formação, o que se propõe é uma reflexão sobre a necessidade e possibilidades de desenvolver trabalhos que articulem pesquisa, estágio e cotidiano escolar. As reflexões aqui destacadas apontam para compreensão de que as atividades de estágio e de pesquisa sobre o cotidiano escolar, desenvolvidas nos cursos de licenciaturas produzem o conhecimento teórico-prático necessário para qualificar os cursos de formação docente e as práticas docentes nas escolas.

PALAVRAS-CHAVE: Formação docente; estágio; pesquisa.

Buscando o nexo entre a pesquisa como atividade teórico-prática e o estágio, também compreendido nesta categoria, este trabalho pauta-se no estudo bibliográfico que busca sustentar a idéia de que a pesquisa é parte do movimento de produção de conhecimento científico e, nesta dinâmica incluem-se as atividades docentes nas escolas-campo, vivenciadas pelos estagiários dos cursos de licenciaturas.

Este texto particularmente aborda algumas questões iniciais, que deverão nortear o desenvolvimento da pesquisa docente² cujo objetivo fundamental é discutir os encaminhamentos teórico-práticos dos atuais estágios supervisionados nas licenciaturas em geral e em especial nos cursos de licenciatura em Artes, aprofundando o debate sobre as noções de teoria e prática para a formação do professor de Artes.

Seu principal objetivo é suscitar uma discussão inicial sobre a importância do estágio articulado à pesquisa e esses dois, em estreita vinculação com as vivências dos estagiários dos cursos de licenciaturas nas escolas. Trabalhando com a hipótese de que este viés da formação docente tem sido pouco explorado pelos cursos de formação, o que se propõe é uma reflexão sobre a necessidade e possibilidades de desenvolver trabalhos que articulem pesquisa, estágio e cotidiano escolar.

As reflexões aqui destacadas apontam para compreensão de que as atividades de estágio e de pesquisa sobre o cotidiano escolar, desenvolvidas nos cursos de licenciaturas

¹ Mestre em Educação; professora da Faculdade de Artes do Paraná – FAP; pesquisa docente TIDE apresentada em 2006 à Faculdade de Artes do Paraná.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 51-58, jan./dez. 2007

produzem conhecimento teórico-prático podem alimentar os saberes necessários aos cursos de formação docente, tanto quanto podem fundamentar as práticas docentes nas escolas.

Os estudos sobre a formação docente no Ensino Superior no Brasil, nos últimos tempos têm convergido para a necessidade de se estabelecer os níveis de associação e envolvimento dos processos teóricos e práticos que embasam o exercício da docência. Neste sentido, os trabalhos de pesquisa articulados às práticas pedagógicas têm sido estimulados como mecanismos de construção e re-elaboração de conhecimento na escola e sobre a escola.

Os motivos que nos levam a empreender esta discussão, são alimentados pelas experiências concretas com a Disciplina de Estágio Supervisionado em curso de licenciatura; pela experiência em coordenação pedagógica em escola pública e, sobretudo pelas preocupações com os modelos de Estágio que se está oferecendo nos cursos de formação docente nas instituições de Ensino Superior brasileiras.

Nossos argumentos são de que é preciso mais que pequenas amostras de lecionação para que os alunos dos cursos de formação docente possam conhecer o cotidiano da docência e da escola e treinar algumas aulas; como tem sido executada boa parte dos estágios-docência. Defende-se que o processo de formação docente inclui necessariamente dois vieses de pesquisa: O primeiro deles (e não necessariamente nesta ordem) diz respeito à oferta de subsídios teóricos para que os alunos dos cursos de licenciaturas conheçam o universo da escola. E conhecer a escola não é adquirir noções de seu funcionamento administrativo e pedagógico, mas, sobretudo, compreender seu papel como instituição produtora de conhecimentos científicos dentro de determinadas condições sócio-políticas na sociedade capitalista. O segundo viés de aprofundamento dos conhecimentos adquiridos nos estágios tem a ver com as problemáticas levantadas nas regências. Os problemas educacionais (de ensino e/ou de aprendizagem) identificados nas escolas-campo devem se constituir em motes de pesquisa a partir dos problemas práticos vivenciados pelos estagiários e seus regentes, pois é neste movimento de vivência/pesquisa/reflexão, que se dá a produção de conhecimento.

Para a compreensão destas questões, é preciso que a pesquisa seja um processo incorporado pelo Estágio que compreende a prática articulada com a teoria, e mais, que os processos teórico-práticos vivenciados pela escola se transformem em produtos/processos das pesquisas científicas sobre o cotidiano escolar. Isto significa compreender a pesquisa como produtora de conhecimento - objetivo da escola. Mais do que isso, que a prática da pesquisa possibilita a articulação de saberes, condição essencial para que o educador (re)signifique sua experiência e a dos seus alunos de forma criativa.

A partir daí, investir em estudos que compreendam a pesquisa como eixo da produção de conhecimento e os estágios como *locus* da articulação teoria/prática, é tarefa fundamental para as melhorias nas propostas curriculares dos cursos de licenciaturas, aqui especialmente os de Artes. A importância de investimentos das instituições formadoras em cursos que atendam a este perfil, reside no fato de se constituir tentativas para a oferta de cursos de formação docente que se aproximem cada vez mais da articulação dos saberes da escola e da academia.

É sobretudo importante destacar que trazer para o campo da formação docente na licenciatura, reflexões sobre a relevância da pesquisa científica como mecanismo de articulação entre a ciência da educação, e entre formação docente e a realidade escolar, se configura em compromisso político com a produção e socialização de conhecimento, e emancipação dos cidadãos.

As discussões que envolvem os temas educacionais são bastante complexas, tanto pelo volume de itens carentes de análise, quanto pelas inúmeras possibilidades de apreensões que

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 51-58, jan./dez. 2007

estes temas podem sugerir. Assim, embora com perspectivas diferentes, cada análise estabelece, a seu modo, representações distintas que cada pesquisador assume sobre determinada realidade. “Por esta perspectiva, ainda que com diferenças significativas de complexidade e alcance, incluem-se as abordagens empiricistas, positivistas, idealistas, ecléticas e instrumentalistas.” (FRIGOTTO, 1989, p. 74).

Neste sentido, julgamos necessário estabelecer as perspectivas de análises que serão utilizadas na pesquisa e que, por conseguinte, norteiam as idéias deste texto. Entendemos que todo o trabalho de pesquisa, o projeto, os procedimentos de coleta de dados, as análises e as discussões finais estão sempre norteados por uma determinada compreensão da realidade. As escolhas não são aleatórias. As análises, os objetos e os olhares são mediados por uma perspectiva de análise, que depende fundamentalmente do lugar histórico do pesquisador, de acordo com Thompson (1981).

Neste caso, devemos esclarecer que partimos da compreensão de que o movimento histórico das sociedades é produto dos indivíduos que, coletivamente, transformam na natureza em favor de sua sobrevivência. Para Marx e Engels (1993, p.36),

A produção de idéias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real.(...) Os homens são os produtores de suas representações, suas idéias etc. (...) Os homens são condicionados pelo modo de produção de sua vida material, por seu intercâmbio material e seu desenvolvimento ulterior na estrutura social e política.

Também Vasquez (1968, p. 353) advoga em favor da compreensão da sociedade como produto e produtora da ação humana. Para ele, “os homens são criadores de sua própria história, mas como indivíduos concretos (...)”. Segundo o autor, os indivíduos são sujeitos ativos que nas suas relações sociais constroem as condições de sua vida social.

Analisada sob este ponto de vista, a prática pedagógica é entendida como um processo histórico e intencional. Então, a sociedade e a escola, objetos de nosso estudo, não serão analisadas por si mesmas, restritas aos seus cotidianos, senão como parte de uma estrutura social determinada pelas condições históricas, sociais e culturais impostas pelo sistema capitalista, que determina, dentre outras coisas, a produção de conhecimento. E aqui sejam incluídas as escolas com suas dinâmicas pedagógicas assim como os cursos de formação docente com seus currículos e inclusive, os problemas de ensino e aprendizagem de um e de outro. Também em relação ao cotidiano das escolas é preciso dizer que o compreendemos também como determinado por uma conjuntura social ao mesmo tempo em que o reconhecemos como produtor de conjunturas sociais e culturais.

A literatura específica da área de estágio e prática de ensino para a formação de professores para a Escola Básica e para a formação do professor de Artes, que temos disponível hoje no Brasil, Bagno (2005), Biasoli (1999), Fazenda (1992), Freitas (1996), Piconez (2002) e outros, não deixa dúvidas sobre a importância da articulação do Estágio com a pesquisa sobre a prática pedagógica desenvolvida nas escolas, tanto pela vastidão de textos quanto pela força de seus argumentos em favor de novos modelos de estágios que dêem conta de articular os saberes de professores em serviço e dos estagiários acadêmicos de cursos de licenciatura.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 51-58, jan./dez. 2007

Sobre a necessidade de se articular o estágio curricular á pesquisas no campo educacional também, Ludke & André (1986) partilham da compreensão de que os elementos práticos vivenciados nos estágios devem subsidiar a produção de conhecimento para o campo educacional.

A partir desta perspectiva, o estágio se coloca como eixo articulador entre teoria e prática, já que os elementos da prática são trazidos pelos estágios e reelaborados nos cursos de formação docente, garantindo a produção de conhecimento nas áreas específicas da docência. Para Piconez (2002, p.24),

A prática de ensino sob a forma de Estágio Supervisionado é, na verdade, um componente teórico-prático, isto é possui uma dimensão ideal, teórica, subjetiva, articulada com diferentes posturas educacionais, e uma dimensão real, material, social e prática, própria do contexto da escola brasileira.

A vivência dos alunos estagiários nas escolas traz elementos da realidade para análise e reflexão. Os problemas são sempre atuais, reais, muitas vezes repetidos até que o olhar curioso do pesquisador lance sobre eles suas indagações científicas, suas reflexões e estudos, e se comece a produzir conhecimento sobre os elementos da realidade. Este movimento que a pesquisa suscita e que o estágio permite é ao mesmo tempo teórico e prático. É o movimento de construção de conhecimento científico.

A construção de conhecimento científico não se dá apenas nos laboratórios de ciências naturais, como fomos acostumados a pensar desde as propostas da sociologia positivista. No campo educacional, também se faz ciência e seus laboratórios são as universidades, os cursos de formação docente e as escolas, campo de estágio. Em educação, há também pesquisadores que muitas vezes são forjados pelas experiências vivenciadas na escola. Para Ludke e André (1986, p.2)

A pesquisa não se realiza numa estratosfera situada acima da esfera de atividades comuns e correntes do ser humano (...) Nossa posição, ao contrário, situa a pesquisa bem dentro das atividades normais do profissional da educação, seja ele professor, administrador, orientador, supervisor, avaliador, etc.

O processo de investigação científica da realidade escolar, promovido pelos estágios supervisionados além de contribuir para a (re)construção de conhecimento no campos específicos do ensino e da aprendizagem, transforma o aluno/pesquisador em autor de propostas teóricas, que podem ser avaliadas pelas escolas e por seus pares na academia, a fim de constituir-se em propostas teórico-práticas para as atividades escolares.

A prática de ensino e os estágios constituem um momento decisivo para a formação do professor, de acordo com Freitas (1999, p.45) “já que as relações que se estabelecem nas salas de aula mediam a relação entre o professor e a realidade concreta.” Pode-se dizer até que há certo misticismo em torno destas disciplinas. Os acadêmicos esperam que este seja o momento de “pôr em prática o que aprenderam na teoria”. Esta pelo menos tem sido a expectativa da maioria dos alunos das Licenciaturas. Para Bagno (2006, p. 20) a universidade

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 51-58, jan./dez. 2007

não pode ser um “‘depósito’ de conhecimentos acumulados ao longo dos séculos. Ela tem que ser também uma ‘fábrica’ de conhecimento novo”. O que, segundo o autor, só se consegue pesquisando.

Já as escolas, estas esperam que os acadêmicos, com seus conhecimentos teóricos resolvam os problemas que a prática docente enfrenta no dia a dia. E aqui nem seria preciso mencionar as dificuldades de capacitação dos professores em serviço. Não é segredo que as políticas públicas em nosso país atendem recomendações e/ou exigências de agências internacionais de financiamento que, prevêm um modelo de capacitação docente para os países pobres da América Latina e Caribe, que pra resumir, prima pela rapidez e economia, sem maiores preocupação com qualidade, conforme explica Fonseca (1997).³

Os processos de compreensão que separam teoria e prática são comuns tanto por parte de quem faz um curso de formação docente, quanto quem está na escola. São comuns os discursos que colocam a escola como instituição que faz, exerce atividades práticas e a universidade, como aquela que teoriza, descreve e propõe. O fato é que ao colocarmos nossas expectativas desta maneira, nós todos, professores e acadêmicos acabamos por revelar nossa posição diante de um velho problema que desde tempos imemoriais teima em se fazer presente na organização de cursos e escolas: a dicotomia entre teoria e prática. O que do ponto de vista do conhecimento científico é uma arbitrariedade, uma vez que os processos teóricos e práticos que compõem a atividade humana, conforme explica Vasquez (1968, p. 241) “(...) só artificialmente, por um processo de abstração, podemos separar um do outro”,

Grosso modo, as instituições formadoras parecem subverter o critério da indissociabilidade entre teoria e prática quando mantêm suas estruturas curriculares fechadas e incomunicáveis entre si. Percebe-se este movimento claramente quando, vemos as dificuldades de fazer dialogar os conhecimentos dos fundamentos da educação, trabalhados nos primeiros anos com as noções de prática de ensino e o Estágio, relegados ao afobamento de final de curso. A disposição das disciplinas durante os cursos e a tentativa de separação (em tempo físico), do que é teoria e o que é prática, revela toda a base cartesiana sob a qual se alicerçam nossos cursos de formação docente. Por outro lado, as escolas, quase sempre sufocadas em suas rotinas administrativas, seguem acreditando que o que fazem é prática e seu cotidiano escolar vai se constituindo por ações rotineiras, iguais e separadas da (re)elaboração teórica que a reflexão e a pesquisa ofereceriam.

Todo trabalho de investigação tem sempre hipóteses pré-concebidas, e não raro, acompanhadas do desejo de superá-las. Mas ainda que se tenha um resultado esperado, quase sempre somos surpreendidos por aspectos não deduzidos anteriormente. Contudo, o que se espera deste texto é que ele, primeiramente, suscite novos estudos, incentive novas pesquisas sobre o tema. Além disso, seria desejável que ele promovesse reflexões no sentido de tornar os estágios e as disciplinas da prática de ensino eixos articuladores entre teoria e prática, entre a formação e ação docente.

O desejável seria que, nos cursos de formação, o Estágio fosse percebido como elo entre a universidade/faculdade que forma professores e a escola, que também no seu cotidiano forma os que estão em serviço. Não é possível que a realidade das escolas seja ignorada em nossas pesquisas, ou melhor, que os estágios ignorem os motes de pesquisa que o cotidiano escolar revela.

³ Não é objetivo deste texto tratar do tema das políticas públicas para a educação. Contudo, para aprofundar esta temática sugere-se o título: ANDRADE, D. O.(Org.). *Gestão democrática da educação: desafios contemporâneos*. Petrópolis, RJ, 1997.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 51-58, jan./dez. 2007

Talvez as reflexões promovidas por este trabalho pudessem caminhar para o entendimento de que na universidade, os estágios e as práticas podem ser estruturados a fim de fazer compreender a organização do trabalho pedagógico e suas condições sociais de produção. Na escola, a prática pudesse ser entendida a partir de uma perspectiva dialógica entre os processos de construção de conhecimento e os fazeres pedagógicos, sempre na direção do fortalecimento da *práxis* pedagógica que supõe a unidade entre teoria e prática, segundo Vasquez (1968). Neste sentido, nem a universidade poderia se fechar em teorias esvaziadas de significados para a prática pedagógica e por sua vez, a escola não poderia acreditar que constrói práticas autônomas, sem a fundamentação em processos teóricos.

Os estágios e as práticas de ensino devem ser pensados e organizados de tal maneira, que na escola possam servir como mecanismo para a consolidação da proposta pedagógica que foi planejada ou se quer executar. Ou ao menos, que os resultados das experiências promovidas pelas atividades que as universidades realizam nas escolas sejam capazes de propor alternativas ou se configurem em indicativos de caminhos teóricos e metodológicos que podem ser tomados na direção de melhorias dos trabalhos pedagógicos lá desenvolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os processos produção/socialização de conhecimento via escola e a própria existência da escola na sociedade capitalista precisam ser apreendidos pelos alunos/estagiários a fim de que as unidades de ensino sejam percebidas para além de seu funcionamento interno ou das dinâmicas das salas de aula, mas como parte, que são, de uma determinada conjuntura social. Assim como os problemas do ensino e da aprendizagem revelam muito mais do que as fragilidades cognitivas dos alunos, evidenciam também falhas metodológicas e de formação por parte dos programas de ensino escolares determinados por políticas para a educação.

O trabalho das instituições formadoras é apenas um ponto de partida para o processo de formação docente, que não termina com o final da graduação. Contudo, reflexões como essas já poderiam contribuir para o estabelecimento de um perfil crítico para o docente (ou estagiário). O estabelecimento de critérios e organização por parte das instituições formadoras depende da concepção que se tem de escola, de professor, de aluno, de sociedade, de arte...

Somente quando nos cursos de formação formos capazes de construir estruturas de cursos que reconheçam a arbitrariedade da separação entre teoria e prática e a necessidade de afirmar concepções críticas sobre a escola e o universo de categorias que a ela se ligam, poderemos articular as atividades de estágio com a pesquisa acadêmica, alimentadas pelas vivências dos estagiários nas escolas. E aí sim, se estará contribuindo para a produção e socialização de conhecimento pedagógico nas mais diversas áreas.

Fazenda (1992) adverte para uma questão que se impõe ao estabelecermos o papel do estágio e da pesquisa nos cursos de licenciaturas. Para a autora, há que se avaliarem as propostas que colocam estas atividades como redentoras das mazelas da educação pública brasileira, tanto nas escolas, quanto nas universidades. O que o trabalho de articulação entre pesquisa e prática pedagógica pode oferecer, são reflexões para novas possibilidades de se ensinar e aprender, e não uma garantia de salvação para nosso caótico sistema educacional. Esta questão, longe de negar a importância destas disciplinas, deve ser entendida como mais um elemento no sentido de compreender a pesquisa como instrumentalização da prática

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 51-58, jan./dez. 2007

pedagógica, ou melhor, das práticas pedagógicas, por que nos referimos aos processos de produção e socialização de conhecimento que a pesquisa desencadeia nas escolas e nos cursos de formação docente.

De todo modo, é preciso considerar que a pesquisa *de per se*, não se sustenta e tampouco, sustenta a prática pedagógica. E mais, em torno de si, ela exige uma série de condições, que por limite deste texto não abordaremos aqui, são condições metodológicas para a sua execução como o trabalho de registro e divulgação dos resultados de pesquisa, antes disso, a orientação e os projetos, sua relevância, atualidade e viabilidade, enfim, há uma série de condições que tornam uma pesquisa, instrumento da ação pedagógica nas diferentes áreas da atividade docente.

Finalmente, falta dizer que as discussões levantadas aqui, muito longe de se constituir em receita para o sucesso dos cursos de formação docente, são apenas provocações para o debate que se impõe para os educadores em geral. Na pedagogia, nas Artes e ou qualquer outra licenciatura, nosso compromisso maior é com os conhecimentos que ajudaremos a construir. As atividades acadêmicas dos cursos universitários incluem (pelo menos os cursos oferecidos nas faculdades e universidades públicas) ensino, pesquisa e extensão, e este tripé, na formação de professores pode, se bem articulado, estabelecer novas associações entre prática e teoria, a serviço da produção de conhecimento.

ABSTRACT: *The objective of this article is to present different elements for a discussion on the importance of combining the practicum with research about the daily pedagogic works carried on in schools by trainees enrolled in Teaching programs. As it is widely known that such approach has seldom been used in Brazil, a reflection upon the need and possibilities to develop projects that combine research, practicum and the daily school routine is carried on. The arguments lead to the understanding that the practicum activities and research about the daily school routine help produce the theoretical and practical knowledge that is necessary to accredit the programs of teacher education and the teaching practice at schools.*

KEYWORDS: *teacher education; training; research*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: O que é e como se faz*. 20 ed., São Paulo: Loyola, 2006.

BIASOLI, Carmem, L. A. *A formação do professor de arte: do ensaio à encenação*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1999.

FAZENDA, Ivani Catarina. a pesquisa como instrumentalização da prática pedagógica. In: _____. (Org.) *Novos enfoques da pesquisa educacional*. Cortez: São Paulo, 1992. p. 75.

FONSECA, Marília. O Banco Mundial e a gestão da educação brasileira. In: ANDRADE, D. O. (Org.). *Gestão democrática da educação: desafios contemporâneos*. Petrópolis, 1997.

R.cient./FAP, Curitiba, v.2, p. 51-58, jan./dez. 2007

FREITAS, Helena C. L. *O trabalho como princípio articulador na prática de ensino e nos estágios*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

_____. A reforma do ensino superior no campo da formação dos profissionais da educação básica: as políticas educacionais e o movimento dos educadores. *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 68, 1999.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, I., (Org.) *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 69.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A.P. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, Karl; ENGELS, Frederich. *A ideologia alemã* (Feuerbach), 9 ed., Tradução de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1993.

PICONEZ, Stela C.B. (coord.) *A prática de ensino e o estágio supervisionado*. Campinas: Papirus, 2002.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria: ou um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)* Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

VASQUEZ, Adolfo Sanches. *Filosofia da práxis*. Tradução de Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.